

**O lugar da perspectiva humanista na geografia escolar: uma análise dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs)**

*The place of the humanist perspective in school geography: an analysis of the National Curriculum Parameters (PCNs)*

Thalyta de Cássia da Silva Feitosa Musskoff  
**Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Minas Gerais - IFMG**  
Brasília/ DF  
Deyse Almeida dos Reis  
**Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Minas Gerais - IFMG**  
Arcos/MG

**Resumo**

Esta pesquisa teve como objetivo principal analisar o sentido de lugar na prática da Geografia Escolar, tendo como objeto de análise os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), especificamente o de Geografia, 3º ciclo (5º e 6º ano) do ensino fundamental 2. No que diz respeito à metodologia, foram utilizadas como técnicas de pesquisa a bibliográfica e documental. O trabalho direciona o olhar ao lugar da perspectiva humanista na Geografia escolar, apresentado como uma das principais categorias para se trabalhar e refletir a realidade, o cotidiano do aluno, que é colocado como responsável pela construção do seu lugar, não de forma objetiva, mas subjetiva, através dos seus valores afetivos e do seu imaginário.

**Palavras-chave:** Lugar; Geografia Humanista; Parâmetros Curriculares Nacionais.

**Abstract**

This Research had as main objective to analyze the sense of place in the practice of School Geography, having as object of analysis the National Curriculum Parameters (PCNs), specifically the one of Geography, 3rd cycle (5th and 6th year) of elementary school 2. Regarding the methodology, bibliographic and documentary research techniques were used. The work directs the look to the place of the humanist perspective in school Geography, presented as one of the main categories to work and reflect the reality, the student's daily life that is placed as responsible for the construction of his place, not objectively, but subjective, through their affective values and their imaginary.

**Keywords:** Place; Humanist Geography; National Curriculum Parameters.

*O lugar da perspectiva humanista na geografia escolar: uma análise dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs)*

## **Introdução**

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) compõem um conjunto de documentos tidos como referenciais para uma educação de qualidade no ensino fundamental de todo o território brasileiro (BRASIL, 1997). Sua organização se dá em quatro ciclos: 1º Ciclo (1º e 2º ano); 2º Ciclo (3º e 4º ano); 3º Ciclo (5º e 6º ano); 4º Ciclo (7º e 8º ano). A organização da escolaridade neste formato, de acordo com o PCN Geografia, "[...] é uma tentativa de superar a segmentação excessiva produzida pelo regime seriado e de buscar princípios de ordenação que possibilitem maior integração do conhecimento." (BRASIL, 1997, p.42). Para a etapa do ensino fundamental 2, foco deste trabalho, que abrange de 5ª a 8ª séries, o documento encontra-se dividido em dez volumes, conforme o quadro 1, a seguir.

Quadro 1. Divisão do PCN (ensino fundamental 2) de acordo com a área de ensino

1. Introdução aos PCNs	8. Educação Física
2. Língua Portuguesa	9. Língua Estrangeira
3. Matemática	10.1. Temas Transversais (Apresentação)
4. Ciências Naturais	10.2. Temas Transversais (Pluralidade Cultural)
5. Geografia	10.3. Temas Transversais (Meio Ambiente)
6. História	10.4. Temas Transversais (Saúde)
7. Arte	10.5. Temas Transversais (Orientação Sexual)

Fonte: Parâmetros Curriculares Nacionais, 1998.

Cada volume é dividido em duas partes. A primeira apresenta uma descrição geral da área e a segunda discorre especificamente sobre os ciclos que compõem o caderno. Possui uma estrutura composta pela caracterização da área, seguida dos objetivos gerais, conteúdos e critérios de avaliação. Cada item descreve informações específicas sobre suas funções, além de ressaltar indiretamente a importância de como cada área se insere no contexto escolar.

A ideia principal deste trabalho está pautada em apresentar os resultados de uma breve investigação a respeito do conceito de lugar da Geografia Humanista na Geografia escolar, trazendo como base a análise do PCN da área. O motivo para realização desta pesquisa foi fortalecido pelo fato de atualmente atuar no ensino básico e ver a necessidade de compreensão do conceito de lugar empregado não só pela geografia acadêmica, mas também pela geografia escolar. Para isso, pensou-se nos PCNs, que são referências no que diz respeito ao ensino de qualidade a nível nacional.

Desta forma, este estudo tem, como objetivo principal, analisar o sentido de lugar na prática da Geografia Escolar, tendo como objeto de análise os Parâmetros Curriculares Nacionais, especificamente o de Geografia, 3º ciclo (5º e 6º ano) do ensino fundamental 2.

Para o desenvolvimento desta investigação, baseamo-nos na pesquisa bibliográfica e documental. Os autores consultados para elaboração do trabalho foram Holzer (1999), Mello (1990), Oliveira (2012), Cavalcanti (1988), Castrogiovanni (2007), Buttimer (2015), Tuan (1975, 1985, 2013) e Relph (1979, 1980), sendo que a leitura e a compreensão das colocações dos dois últimos autores foram fundamentais no entendimento da concepção de lugar na perspectiva humanista, além da discussão e conclusão da análise. Para a pesquisa documental foram utilizados como documentos os Parâmetros Curriculares Nacionais (1997, 1998).

Assim, primeiramente, partiu-se para a compreensão do conceito de lugar na Geografia Humanista, seguido de uma breve caracterização dos PCNs, com foco na área de Geografia e, por fim, a análise da concepção de lugar da Geografia Humanista na Geografia Escolar, em que foi realizada uma investigação no PCN de Geografia.

### **A concepção de lugar na Geografia Humanista: a compreensão humana**

Sabemos que compreender o conceito de lugar na corrente humanista da geografia é um caminho para nos fazer olhar para um conceito que vai além do sentido de localização; é nos fazer entender a importância do nosso olhar, do sentir, do experimentar e do vivenciar. Esse conceito, até a década de 1970, não havia ganhado destaque na geografia, sendo utilizado apenas para sua definição e no seu sentido locacional (HOLZER, 1999). Sua importância nesta ciência é destacada principalmente pela inserção do humanismo na Geografia que, segundo Mello (1990) "[...] surge como reação ao positivismo, que dissocia o sujeito do objeto, contra os estímulos-respostas da perspectiva comportamental e as teorias que não dão conta do mundo." (MELLO, 1990, p. 94).

A corrente humanista da geografia surgiu com o intuito de entender as relações de vivência entre os homens e o espaço no qual está inserido, pois, segundo Holzer (1999), houve um período em que a preocupação dos geógrafos esteve direcionada apenas em estudar seus conceitos a partir da objetividade. Isso porque a geografia havia adotado como método principal o positivismo, fazendo com que as questões humanas fossem dadas como de menor importância frente ao racionalismo científico já impregnado na ciência geográfica.

*O lugar da perspectiva humanista na geografia escolar: uma análise dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs)*

Com isso se fez despertar, em parte dos geógrafos, a ideia de que esta ciência poderia ir além do até então habitual, buscando a subjetividade, destacando a importância do homem e da sua experiência vivida no desenvolvimento de seus estudos (HOLZER, 1999).

De acordo com Tuan (1985), a "Geografia Humanista procura um entendimento do mundo humano através do estudo das relações das pessoas com a natureza, do seu comportamento geográfico, bem como dos seus sentimentos e ideias a respeito do espaço e lugar." (TUAN, 1985, p. 143). Essa corrente da ciência geográfica se ampara nas chamadas *filosofias de significados* (fenomenologia, existencialismo, idealismo e hermenêutica), que têm por objetivo entender o que é o mundo vivido a partir da experiência vivida pelos indivíduos e/ou grupos sociais (MELLO, 1990).

Sobre a categoria lugar, a Geografia Humanista a define a partir da minha, da sua, da nossa experiência vivida, ou seja, analisa o lugar a partir das "dimensões significativas, que, na realidade, é o sentido que se atribui a este ou àquele [o meu, o seu ou nosso lugar], são pensadas em termos geográficos a partir da experiência do habitar, do falar e dos ritmos e transformações." (OLIVEIRA, 2012, p.15). O lugar é aquele espaço que para nós, "por alguma circunstância, seja ela de moradia, de trabalho, de estudo, lazer, se torna familiar; é o espaço vivido, do experienciado." (CAVALCANTI, 1988, p.89).

De acordo com a perspectiva humanista, cada indivíduo tem o seu ou os seus lugares que são criados e/ou estruturados a partir das suas experiências cotidianas combinadas às suas emoções, podendo ser o bairro, a casa, a universidade, a escola, dentre outros. (MELLO, 1990). Neste sentido, conforme Ribeiro (1993) "[...] o lugar define-se a partir das relações sociais entre os seres que estão interagindo, que podem ganhar qualquer qualificativo, como relações culturais, de trabalho, políticas, amorosas, entre tantas outras." (RIBEIRO, 1993, p. 238). Para Relph (1979):

Os lugares que conhecemos e gostamos são todos lugares únicos e suas particularidades são determinadas por suas paisagens e espaços individuais e por nosso cuidado e responsabilidade, ou ainda pelo nosso desgosto, por eles. Se conhecemos lugares com afeição profunda e genealógica, ou como pontos de parada numa passagem através do mundo, eles são colocados à parte porque significam algo para nós e são centros a partir dos quais olhamos metaforicamente pelo menos, através dos espaços e para as paisagens. E se nos encontramos aprisionados pelas circunstâncias ou ambientes de nossa própria escolha, estamos sempre dentro dum lugar que é colorido por nossas intenções e experiências, que também as modificam. (RELPH, 1979, p. 17-18).

Embora haja divergências de pensamentos para a definição de lugar nas diversas correntes do pensamento geográfico, onde é possível verificar que o *lugar* foi por um longo período visto apenas como localização, Tuan (1975), que pertence à corrente humanista, não descarta o seu sentido locacional. Ao contrário, em sua concepção, ele traz complementos essenciais, como, por exemplo, indivíduo e sua experiência vivida. Contudo, lugar possui diferentes escalas, podendo ser, além de uma cidade, uma casa, uma cadeira, uma lareira, uma cama etc. e tem uma representação única de caráter individual. Para Tuan (1975):

O lugar é um centro de significado construído pela experiência. [...] é conhecido não só através dos olhos e da mente, mas também através dos modos de experiência. [...] A experiência constrói o lugar em escalas diferentes. [...] Os lugares podem ser privados para o indivíduo. A cadeira de balanço dentro da casa tem uma localização específica e um significado especial. [...] a cama é um lugar pessoal [...], é um centro de significado por razões além de familiaridade, conforto e segurança: cada dia é um ponto de partida e regresso. (TUAN, 1975, p. 153).

Palavras como indivíduo, significado, experiência, sentimento, sentido, tempo e vivido são essenciais na fundamentação de Tuan (1975) para a construção de sua concepção de lugar (Figura 1).

Figura 1. Concepção de lugar para Yi-FuTuan



Fonte: Tuan (1975). Elaborado pela autora, 2019

*O lugar da perspectiva humanista na geografia escolar: uma análise dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs)*

A tríade indivíduo, tempo e experiência vivida aparece na análise sobre o lugar na concepção de Tuan (1975). Para o autor, a experiência leva tempo; sem ele o sentido de lugar para o indivíduo é adquirido. O tempo a que o autor se refere não é somente aquele de longos períodos que ultrapassam meses, anos ou décadas; experiências curtas, como de horas e dias, também são válidas. Embora o tempo seja um elemento que contribui com a construção do sentido de lugar, ele não é definitivo para se adquirir experiência:

Leva-se tempo para conhecer um lugar, a própria passagem do tempo não faz garantir um sentido de lugar. Se a experiência leva tempo, a passagem do tempo em si não garante a experiência. Uma pessoa pode conhecer um lugar intimamente depois de uma estadia de cinco anos; outro viveu toda a sua vida e é para ele tão irreal como os livros não lidos da prateleira. O contraste não é entre o conhecimento abstrato e conhecimentos pessoais que não podem ser expressos, pois é possível viver e ainda assim não estar vivo, de modo que os anos se derretem sem nenhum impressionar a mente ou a sensibilidade. Uma vida longa não garante sabedoria. (TUAN, 1975, p.164).

Neste sentido, Tuan (1975) define o lugar como o "passado e o presente, estabilidade e realização." (TUAN, 1975, p.164). Viver em um lugar é "experimentá-lo, estar ciente disso nos ossos e na cabeça." (TUAN, 1975, p.164). Lugar é definido a partir do mundo interno do indivíduo.

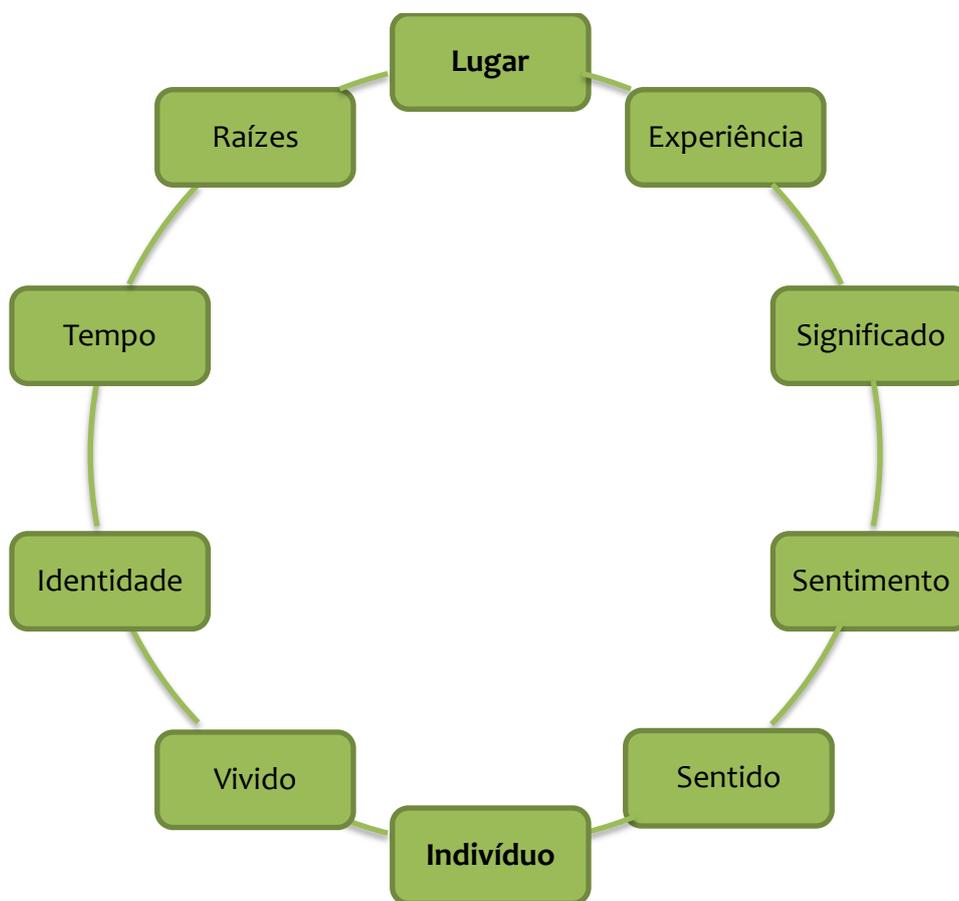
Outro geógrafo da corrente humanista que destaca em seus trabalhos a concepção de lugar é Edward Relph, que se aproxima das colocações de Tuan, uma vez que, em seu trabalho, emprega o geógrafo sino-americano como base para suas discussões. Ele também não descarta o sentido de localização, mas vai além, afirmando que o lugar tem raízes e significados criados a partir da experiência vivida: "[...] o lugar tem uma gama de significâncias e identidades." (RELPH, 1980, p.6-tradução nossa); "[...] Nossa experiência pessoal com os lugares há muitas vezes um apego próximo, uma familiaridade que é parte de saber e ser conhecido." (RELPH, 1980, p.37 - tradução nossa); "Ter raízes em um lugar é um ponto seguro a partir do qual o olhar para fora no mundo, um aperto firme da própria posição na ordem das coisas, e um apego espiritual e psicológico significativo para algum lugar em particular." (RELPH, 1980, p.38- tradução nossa).

Para Relph, o lugar é fundamental a nossa existência. Se o conhecemos com afeição, ele se torna segurança e identidade, além de nos trazer uma sensação de aconchego. Conforme o autor:

[...] os lugares são realmente um aspecto fundamental da existência do homem no mundo, se eles são fontes de segurança e identidade para os indivíduos e para os grupos de pessoas, então é importante que meios de experimentar, criar e manter lugares significativos não sejam perdidos. [...] preservar os lugares que são contextos significativos de nossas vidas. (RELPH, 1980, p. 37 - tradução nossa).

Assim como Tuan (1975), termos como indivíduo, experiência, significado, sentimento, sentido, vivido e tempo aparecem como fundamentais para a definição de lugar por Relph (1980), além de identidade e raízes (Figura 2).

Figura 2. Concepção de lugar para Relph



Fonte: Relph (1980). Elaborado pela autora, 2019

Assim como Tuan, Relph (1980) traz uma relação entre indivíduo, tempo e experiência. Segundo o autor: "[...] o tempo é geralmente uma parte de nossas experiências de lugares, pois essas experiências devem ser ligadas com fluxo de continuidade. E os próprios lugares são as atuais expressões de experiências passadas e eventos de esperanças para o futuro."(RELPH, 1980, p.33 - tradução nossa). Em consonância com Tuan, Relph

*O lugar da perspectiva humanista na geografia escolar: uma análise dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs)*

destaca que, apesar de sua importância, a essência do lugar não reside na continuidade através do tempo.

Associando o que foi colocado a respeito do sentido de lugar da perspectiva humanista com a Geografia escolar, Castrogiovanni (2007) destaca que, no ensino de Geografia, é necessário "[...] trabalhar com questões que evoquem a prática, a realidade contextualizada do aluno, com suas necessidades, seus interesses, suas tensões." CASTROGIOVANNI (2007, p.32). Como podemos perceber, o conceito de lugar da perspectiva humanista destaca exatamente a importância do indivíduo enquanto ser vivente e considera sua realidade com seus valores, sentimentos e significados criados a partir da sua vivência.

Desta forma, conectando as palavras do autor, trabalhar com a concepção de lugar da perspectiva humanista no ensino de geografia é fazer com que os alunos apresentem, a partir da sua experiência vivida, do seu cotidiano, o seu lugar, ou melhor, o lugar do seu "aconchego, aquele que carregam dentro de si", como afirma Oliveira (2012). É fazer com que revelem a partir do sentir, do olhar, do experienciar, aquele lugar que tenha afeição, pois, como afirma Buttimer (2015), "o lugar é construído, significado, recomposto e criado pelas pessoas que nele vivem." (BUTTIMER, 2015, p.4).

Castrogiovanni (2007), destaca alguns pressupostos básicos para o ensino de Geografia e a utilização do conceito de lugar, que é tratado como o espaço das relações humanas objetivas e subjetivas:

Valorizar no ensino da Geografia o conceito de lugar, entendido como o espaço próximo, o espaço da existência e da coexistência. Em outras palavras, o espaço vivido, o espaço de construção de relações humanas, sejam elas objetivas e materiais, sejam culturais e simbólicas. Valorizar o lugar para desenvolver a consciência espacial (CASTROGIOVANNI, 2007, p.23).

O autor destaca que tais pressupostos trata-se de uma "construção pedagógica necessária ao ensino de Geografia" (CASTROGIOVANNI, 2007, p. 23), uma vez que o lugar nada mais é que um espaço de vivência. Castrogiovanni (1992, apud Castrogiovanni, 2007) traz como exemplo o caso do ensino fundamental, onde "[...] a criança ainda está muito ligada ao real (espaço vivido) [...], sendo necessário trabalharmos com o concreto, que faz parte do seu mundo, da sua realidade, das suas vivências, [...] algo que já foi experimentado,

para que ela possa desenvolver as estruturas lógicas necessárias, avançar e compreender o espaço percebido." (CASTROGIOVANNI, 1992, apud CASTROGIOVANNI, 2007, p.23).

Dessa forma, podemos perceber que é essencial no ensino da Geografia escolar a concepção de lugar, pois, a partir dela, é possível chegar-se à realidade do aluno, pois, como afirma Tuan (2013), "o lugar nada mais é que um mundo de significado organizado. É essencialmente um conceito estático. Se víssemos o mundo como processo, em constante mudança, não seríamos capazes de desenvolver nenhum sentido de lugar." (TUAN, 2013, p. 219).

### **Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs): a Geografia no âmbito escolar**

Os PCNs podem ser entendidos como uma base de referência com o objetivo de acrescentar qualificação à estrutura escolar em todo o território nacional, mais especificamente na etapa do ensino fundamental. A ideia não é a de forçar ou engessar padrões definidos em todos os estados, mas auxiliar com melhores práticas a utilização dos recursos da educação; as regras e diferenciações regionais e sociais são, evidentemente, respeitadas, no entanto, é de compreensão geral que os PCNs são utilizados para incrementar e beneficiar a estrutura escolar.

Os PCNs não podem ser considerados garantias, mas métricas positivas para a aplicação de práticas educativas de forma eficaz. A exigência (de quê) demandada pela sociedade é cada vez maior e existem questões fundamentais que devem ser levadas em conta; o domínio da língua (falada e escrita), o desenvolvimento da lógica matemática, as coordenadas geográficas que orientam a visão do nosso mundo, a ciência e suas métricas, o estudo da arte e de suas variações, dentre vários outros saberes desejáveis para a integração na sociedade (BRASIL, 1997).

À medida em que se aprofunda no entendimento das necessidades da educação, entendemos que existe uma necessidade de se trabalhar com parâmetros que fundamentam o que é essencial e que deve ser garantido para todo e qualquer estudante no Brasil. Mesmo que haja diferenças socioculturais, tornou-se necessária a apresentação de uma ideia unificada, dada pelos PCNs.

Os PCNs apresentam ideias que reforçam as obrigações do Governo Federal, mas também respeitam as diversidades encontradas em todo território nacional. São métricas e documentações que, juntos, apresentam um "caminho" que auxilia nas várias questões

*O lugar da perspectiva humanista na geografia escolar: uma análise dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs)*

educacionais (não só da educação em si, mas administrativas e financeiras), apresentando padrões que podem ser seguidos para alcançar o êxito no que tange ao aprendizado no ensino fundamental. Eles tratam questões didáticas conforme os objetivos que devem ser alcançados em cada série do ensino fundamental; além disso, trazem operações concretas que podem auxiliar na observação das diferenças regionais e se adequam a estas com facilidade.

Os PCNs adotaram a estruturação por ciclos como o melhor caminho para se democratizar o acesso ao conhecimento e o entendimento: 1º Ciclo (1º e 2º ano); 2º Ciclo (3º e 4º ano); 3º Ciclo (5º e 6º ano); 4º Ciclo (7º e 8º ano).

Os ciclos flexibilizam a adoção dos vários pontos de aprendizado que a sociedade impõe, isto é, facilitam a inclusão de novas ideias que surgem ao longo dos anos que possam incrementar o conhecimento e conseqüentemente o aprendizado no ensino fundamental. Trabalhando com os períodos adotados pelas instituições de ensino, levando em conta a padronização dos ciclos entre todas elas, é nítido que o avanço educacional é alcançado de forma mais eficiente e o aluno consegue alcançar suas metas com mais tranquilidade.

É importante ressaltar a abrangência quase que universal dos PCNs: a instituição. Adotando estes parâmetros, pode-se trabalhar em todos os aspectos organizacionais, avaliações, matérias, controle de materiais, avaliação institucional, auxílio psicossocial, metrificação dos objetivos docentes, entre vários outros pontos.

Dentro das melhorias evidenciadas com a utilização dos PCNs, uma das mais evidentes é no que diz respeito aos conteúdos; estes não são mais apresentados com a ideia de entregar somente o que suas concepções propõem, mas também com uma ênfase no desenvolvimento crítico, na capacitação e na percepção socioculturais e econômicas (BRASIL, 1998).

Um fato interessante sobre os conteúdos é a flexibilização, a independência entre os pontos; não necessariamente um assunto precisa ser aprendido para que outro possa ser ensinado. No final, o que se entende é que, dentro dos PCNs, o conteúdo é um fator de extrema importância para alcançar o objetivo do ensino.

A Geografia Escolar consolidou-se no Brasil nos anos 1940, onde professores licenciados puderam começar a lecionar a matéria nas escolas, e, posteriormente, nas

Universidades. A ideia inicial era de que a Geografia seria baseada no ensino francês, influenciado por Vidal de La Blache.

Paul Vidal de La Blache, posicionado junto à corrente clássica e/ou tradicional da Geografia, que tinha como método de análise o positivismo, utilizava o termo lugar para definição da ciência geográfica. Segundo Relph (1980), para La Blache "a geografia é a ciência dos lugares e não dos homens." (RELPH, 1980, p. 2 - tradução nossa). Com a influência do positivismo neste período, a Geografia focava seus estudos na observação e descrição dos fenômenos e objetos.

Com o advento das novas tendências na Geografia, o lugar e demais conceitos passam a ter uma visão importante anteriormente ignorada. Após um longo período do ensino pautado na Geografia Tradicional, houve uma mudança drástica, em que a conceituação já não bastava e os estudos da Geografia passaram a voltar-se para a interação entre o indivíduo e todos os objetos existentes no espaço.

No que diz respeito ao contexto escolar, a Geografia se insere nos PCNs como uma área de conhecimento de extrema importância, pois assume o objetivo de apresentar os parâmetros da cidadania brasileira, mas não apenas isso, os assuntos relevantes permeiam um entendimento sociológico que busca apresentar ao aluno seu lugar no mundo em que vive, assim como busca trazer conceitualizações fundamentais que devem ser apresentadas na trajetória escolar dos alunos.

A percepção espacial do indivíduo e a visualização dos elementos por meio da paisagem, da concepção da natureza e lugar, as percepções socioculturais e o entendimento das questões territoriais são pontos essenciais que compreendem a Geografia dos PCNs. Assim, a Geografia tem como objeto central o "espaço" e como categorias de análise o "território", a "região", a "paisagem" e o "lugar" como questões a serem estudadas por este objetivo. (BRASIL, 1998).

A Geografia atual procura formas de explicar o lugar como um meio em que ocorrem situações variadas, estas sendo apresentadas de forma com que o estudante se situe e entenda tudo aquilo que faz parte do mundo em que vive. Nesse sentido, a responsabilidade de apresentar o lugar como uma referência ao mundo real, que faz parte de nossas vidas, é do professor.

*O lugar da perspectiva humanista na geografia escolar: uma análise dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs)*

O aluno deve ser capaz de compreender não só o conceito de lugar, mas também de reconhecer em seu cotidiano a relevância e impacto no seu desenvolvimento como cidadão. Sendo assim, a Geografia atual direciona seu foco para a formação do cidadão, apresentando as diferentes e inúmeras situações em que o lugar se liga ao que ocorre na sociedade.

Nesta pesquisa, foi realizada uma análise específica sobre o conceito de lugar apresentado no PCN de Geografia, especificamente o 3º ciclo, que abrange os 5º e 6º anos. Em resgate ao que aponta o PCN (1998), para este ciclo foram sugeridos quatro eixos temáticos que "sirvam como parâmetros norteadores para seleção e organização de conteúdos" (BRASIL, 1998, p.41); são eles:

1. A Geografia como uma possibilidade de leitura e compreensão do mundo.
2. O estudo da natureza e sua importância para o homem.
3. O campo e a cidade como formações socioespaciais.
4. A cartografia como instrumento na aproximação dos lugares do mundo. (BRASIL, 1998, p. 41).

Por fim, é entendível que a Geografia, no âmbito dos PCNs, é introduzida como uma matéria que visa a apresentação do espaço como tema central, sobretudo o entendimento das questões políticas e socioeconômicas que permeiam o espaço. O aluno deve, como meta educacional, entender seu lugar na sociedade e como a sociedade está constantemente modificando o espaço como um todo.

**O indivíduo na concepção de lugar da Geografia Humanista na Geografia Escolar: os Parâmetros Curriculares Nacionais**

Na Geografia humanista, geógrafos como Tuan e Relph desenvolvem seus trabalhos considerando a subjetividade e direcionam sua atenção para o indivíduo, que é visto como elemento-chave para a construção do que eles denominam por lugar a partir de sua experiência vivida. Neste sentido, ambos estão preocupados em demonstrar a importância daquilo que advém internamente do indivíduo e que muitas vezes é descartado nos estudos com abordagem científica. Para Tuan (1975):

Para a maioria das pessoas [...], os lugares ficam em algum lugar na gama média da experiência. Nesta gama, os lugares são construídos a partir de elementos distintos como odores, texturas e qualidades visuais no ambiente, mudanças sazonais de temperatura e cor. A lareira e o lar são dois lugares [...] o que a lareira, a drogaria da esquina, a cidade [...] têm em comum? São todos centros de significados para os indivíduos e para os grupos. (TUAN, 1975, p.152-153 - tradução nossa).

Pode-se observar no trecho extraído do artigo de Tuan (1975) que a relação de vivência conduz a uma experiência entre o indivíduo e o lugar no qual está inserido. O autor considera, em sua análise para definição de lugar, aquilo que é interno ao indivíduo como sentimentos, pensamentos e emoções. Assim, olhar, sentir, experienciar e vivenciar são verbos presentes em seus argumentos e fundamentais em sua investigação a respeito do respectivo conceito.

Concordando com Tuan, Relph (1980) afirma que nós, enquanto seres humanos, vivemos em um mundo repleto de significados. São esses significados adquiridos pela experiência que definem o lugar. Desta forma, para o autor: "[...] os lugares são criados e conhecidos através de experiências e envolvimento em símbolos e significados comuns." (RELPH, 1980, p.34 - tradução nossa); "[...] são definidos por significâncias especiais e particulares para nós [indivíduos], e pode ser lembrado em vez de imediatamente presente [...]" (RELPH, 1980, p.37 - tradução nossa).

Assim como no artigo de Tuan (1975), Relph (1980) concebe a subjetividade do ser. O indivíduo está em primeiro plano. A ideia de símbolo particular está presente em seus argumentos. Neste sentido, a particularidade do indivíduo com o lugar faz com que este se transforme em um símbolo lembrado, mesmo não estando nele presencialmente. A figura 3, na sequência, mostra a importância do indivíduo na concepção de lugar em Tuan e em Relph, autores ligados à corrente humanista da Geografia.

Figura 3. A importância do indivíduo na concepção de lugar em Tuan (1975) e em Relph (1980)



Fonte:Tuan (1975); Relph (1980). Elaborado pela autora, 2019

*O lugar da perspectiva humanista na geografia escolar: uma análise dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs)*

Podemos observar que, na concepção de lugar em Tuan e em Relph, o indivíduo é visto como elemento-chave para a construção do que definem como lugar. Ele, em conjunto com sua experiência vivida, é responsável por transformar espaços vazios em lugares, centros de significados. Portanto, o indivíduo é colocado como protagonista. *E na Geografia Escolar? O indivíduo se sobressai quando se trata do sentido de lugar?* Para responder tais perguntas, trouxemos como proposta de análise o PCN.

Segundo o PCN de Geografia, especificamente o relacionado ao terceiro ciclo, que abrange o 5º e 6º ano, em que as categorias geográficas (território, região, paisagem e lugar) aparecem com mais ênfase, o conceito de lugar, foco deste trabalho, também destaca a importância do indivíduo na construção e definição de lugar.

Conforme o PCN analisado, a presença da Geografia Tradicional influenciou fortemente a Geografia escolar. O positivismo como método principal utilizado nas análises geográficas tinha como foco apenas a abordagem objetiva e descritiva dos objetos presentes no espaço. Nesse período, o conceito de lugar era estudado a partir das dimensões objetivas decorrentes das interações entre o homem e a natureza. (BRASIL, 1998).

O PCN não só tece uma crítica à corrente tradicional da Geografia, mas também à Geografia Marxista militante, pois ambas, mesmo inseridas no âmbito escolar:

[...] negligenciaram a dimensão sensível de perceber o mundo: o cientificismo positivista da Geografia Tradicional, por negar ao homem a possibilidade de um conhecimento que passasse pela subjetividade do imaginário; o marxismo ortodoxo e militante do professor, por tachar de idealismo alienante qualquer explicação subjetiva e afetiva da relação da sociedade com a natureza que não priorizasse a luta de classes. (BRASIL, 1998, p.22).

Porém, segundo o PCN (1998), é reconhecido que, apesar das problemáticas encontradas no marxismo, houve certa "contribuição" no que diz respeito à "compreensão do processo de produção do espaço" (BRASIL, 1998, p.22), isso porque:

É por meio dele que se poderá chegar a compreender as desigualdades na distribuição da renda e da riqueza que se manifestam no espaço pelas contradições entre o espaço produzido pelo trabalhador e aquele de que ele se apropria, tanto no campo como na cidade. Nesse sentido, categorias do marxismo como relações sociais de produção, modos de produção, meios de produção, forças produtivas, formação social, são fundamentais para revelar ao aluno condições concretas do seu cotidiano na sociedade (BRASIL, 1998, p.22).

Apesar desse reconhecimento, a crítica também está atrelada à "categoria modo de produção", pois está restrita a "determinações econômicas", o que, segundo descreve o PCN, não conseguiria abarcar as "experiências vividas" do indivíduo com o espaço no qual se encontra inserido, nem mesmo as "representações simbólicas". (BRASIL, 1998, p.23).

Nesse momento, era visível a necessidade de uma nova abordagem, que não só concentrasse seus estudos na "descrição empírica das paisagens" e/ou na "explicação política e econômica do mundo", mas que considerasse o indivíduo e suas "relações socioculturais". (BRASIL, 1998, p.24). É o caso da Geografia Humanista, que nasce com o intuito de contribuir com os estudos geográficos relacionados ao indivíduo e ao seu espaço vivido. Desta forma, na Geografia escolar:

A nova abordagem poderá ajudar o aluno a pensar a construção do espaço geográfico não somente como resultado de forças econômicas e materiais, mas também pela força do imaginário [...] ao construírem os seus lugares, os homens constroem, também, representações sobre eles. Seu nível de permanência na vivência com as coisas, nas relações com as pessoas, vai definindo sua aderência a esses lugares. (BRASIL, 1998, p.59).

Podemos afirmar que, a partir desse momento, a subjetividade ganha um lugar de possibilidade no ensino de Geografia. Conforme podemos observar, na perspectiva humanista, a concepção de lugar leva em consideração o mundo interno do indivíduo, seus valores e significados advindos de sua experiência vivida no espaço.

No PCN de Geografia, especificamente o que atende o terceiro ciclo (5º e 6º ano), o sentido de lugar é definido com base na abordagem humanista, em que é destacada a importância do indivíduo/aluno como elemento-chave na construção e definição de lugar, que se dá através do seu "cotidiano" com toda a "carga de afetividade e do seu imaginário" (BRASIL, 1998). A figura 4 traz um esquema que mostra a importância do indivíduo na concepção de lugar trazida no PCN de Geografia, 3º ciclo (5º e 6º ano).

*O lugar da perspectiva humanista na geografia escolar: uma análise dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs)*

Figura 4. A importância do indivíduo na concepção de lugar trazida no PCN de Geografia, 3º ciclo (5º e 6º ano)



Fonte: Parâmetros Curriculares Nacionais - Geografia (3º ciclo: 5º e 6º ano), 1998  
Elaborado pela autora, 2020

Pôde-se observar que o indivíduo/aluno é essencial na concepção de lugar na Geografia escolar; suas emoções, afetos, significados e imaginário são responsáveis por dar vida ao espaço:

Quando um aluno muda de rua, de escola, de bairro ou de cidade, ele não sente apenas as diferenças das condições materiais nos novos lugares, mas também as mudanças de símbolos, códigos e significados com os lugares. Em cada imagem de representação simbólica, os vínculos com a localização e com as outras pessoas estão a todo momento, consciente ou inconsciente, orientando as ações humanas. (BRASIL, 1998, p.23).

Diferente dos geógrafos aqui destacados (Relph e Tuan), ligados à abordagem humanista, no esquema que destaca a importância do indivíduo na definição de lugar, em vez de a experiência vivida aparecer como destaque na concepção trazida pelo PCN (baseada na mesma abordagem), temos como destaque o imaginário. Ressalta-se que, mesmo aparecendo essa diferenciação, as aproximações com a perspectiva humanista continuam nítidas, já que o imaginário também é trabalhado nessa abordagem.

O imaginário nada mais é que o pensamento desenvolvido em torno do espaço de que o indivíduo faz parte; a ideia de lugar, as modificações, os mapas mentais, trajetos criados, visualizações mentais do que pode ser e o que de fato é, tudo isso faz parte da

criação do imaginário. É notadamente algo mentalmente formado. Contudo, é de extrema importância que se levem em consideração o pensamento do aluno e a riqueza dos detalhes em suas experiências e desenvolvimento do pensamento crítico. Aqui é possível tomar um ponto de partida para o desenvolvimento desse pensamento (crítico) e trabalhar com a mesclagem do conhecimento real e do imaginário. Neste sentido, conforme o PCN, o imaginário na Geografia escolar:

[...] não deve ser compreendido como o mundo do devaneio, mas o das representações. Mesmo existindo somente na imaginação, elas adquirem uma grande autonomia e participam nas decisões tomadas no cotidiano. Nesse sentido, acreditamos que trabalhar com o imaginário do aluno no estudo do espaço é facilitar a interlocução com ele e compreender o significado que as diferentes paisagens, lugares e coisas têm para ele. Tudo isso significa dizer, valorizar os fatores culturais da vida cotidiana, permitindo compreender ao mesmo tempo a singularidade e a pluralidade dos lugares no mundo. (BRASIL, 1998, p.23).

É importante destacar que, no PCN de Geografia analisado, o conceito de lugar também aparece atrelado ao de cidadania, partindo da ideia de que o indivíduo, pertencente à sociedade, também tem sua parcela na modificação e criação da parte total em que vive. Suas aspirações, no fim das contas, fazem com que o lugar se modifique e caminhe para mudanças constantes. (BRASIL, 1998).

Por fim, a concepção de lugar, trazida na Geografia escolar, vai ao alcance da Geografia humanista, onde:

[...] traduz os espaços com os quais as pessoas têm vínculos afetivos: uma praça onde se brinca desde criança, a janela de onde se vê a rua, o alto de uma colina de onde se avista a cidade. O lugar é onde estão as referências pessoais e o sistema de valores que direcionam as diferentes formas de perceber e construir a paisagem e o espaço geográfico. E por intermédio dos lugares se dá a comunicação entre homem e mundo. (BRASIL, 1998, p.29).

## **Conclusões**

A Geografia, por muito tempo, levou em consideração os estudos descritivos e objetivos do espaço, desconsiderando a subjetividade advinda do que os autores humanistas destacam como mundo interno do indivíduo. As relações construídas afetivamente com o espaço geográfico eram meros sentimentos que não possibilitariam desenvolver estudos científicos. De acordo com o cientificismo adotado e levado pelas mãos de uma Geografia tradicional positivista, lugar era apenas uma localização. A Geografia

*O lugar da perspectiva humanista na geografia escolar: uma análise dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs)*

escolar, por muito tempo, considerou tal concepção. Foi apenas com o surgimento de novas perspectivas, como a da Geografia Humanista, que os valores afetivos, os significados, o simbolismo, o imaginário tiveram um olhar diferenciado nos estudos geográficos, o olhar da compreensão humana.

A Geografia inserida no âmbito escolar tem por objetivo compreender não o espaço pelo espaço, mas os lugares de valores afetivos, os lugares de significados, os lugares das relações sociais, os lugares imaginados, os lugares das referências pessoais, ou seja, o lugar da sua realidade, uma vez que os estudos geográficos escolares têm o papel de aproximar o conteúdo à realidade do aluno.

Assim, de acordo com o PCN de Geografia analisado, foi possível observar que os espaços possuem vínculos afetivos para o indivíduo; é a escola, a casa, a praça, a rua, entre outros. Ele destaca a importância do indivíduo como participante da sociedade, como cidadão, que, por outro lado, modifica o lugar e o espaço como um todo. As questões sociais, políticas e econômicas, as variâncias das decisões de cada um, tudo isso faz com que ocorram as modificações no âmbito do espaço geográfico. Da mesma forma, respeitam-se a vivência e a imaginação de cada indivíduo, no sentido de trazer relevância nas ideias, nos mapas mentais, nas concepções únicas que cada um pode ter de seu meio.

Os estudos geográficos focam a realidade, e é nela que o lugar é visualizado; o estado atual do todo é levado como objeto de pesquisa para entender as várias facetas da sociedade e do espaço modificado. Por fim, entendemos e finalizamos com a ideia de que seja essencial considerar o lugar como uma das questões mais evidentes ao longo do tempo para os estudos referentes ao espaço, que é onde se vive, o que se vive, pelo que se vive.

### **Referências**

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental: Geografia (terceiro e quarto ciclo)**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental: Introdução aos Parâmetros Curriculares Nacionais**. Brasília: MEC/SEF, 1997.

CAVALCANTI, Lana de Souza. **Geografia, escola e construção de conhecimentos**. 10.ed. Campinas: Papirus, 1998.

HOLZER, Werther. O lugar na geografia humanista. **Revista Território**. ano IV, n. 7. Rio de Janeiro, jul./dez, 1999, p. 67-78.

MELLO, João Baptista Ferreira. Geografia humanística: a perspectiva da experiência vivida e uma crítica radical ao positivismo. **Revista Brasileira de Geografia**. v.52, n.4, out./dez., 1990, p.91-115.

OLIVEIRA, Livia de. O sentido de Lugar. In: MARANDOLA JUNIOR, Eduardo; HOLZER, Werther; OLIVEIRA, Livia de. (Orgs.). **Qual o espaço do lugar: geografia, epistemologia, fenomenologia**. São Paulo: Perspectiva, 2012, p.03-16.

RELPH, Edward. As bases fenomenológicas da Geografia. **Geografia**. v.4, n.7, abr., 1979, p.1-25.

RIBEIRO, Wagner Costa. Do lugar ao mundo ou o mundo no lugar? **Terra Livre**.n. 11-12. São Paulo.ago. 1992/ago. 1993, p. 237-242.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência**. Tradução de Livia de Oliveira. Londrina: Eduel, 2013.

TUAN, Yi-Fu. Geografia humanística. In: CRISTOFOLETTI, Antonio. (Org.). **Perspectivas da Geografia**. 2ed. São Paulo: Difel, 1985, p. 143-164.

**Observação:** Este artigo é fruto do Trabalho de Conclusão de Curso do curso de Especialização em Docência ofertado pelo IFMG - Campus Arcos, orientado pela professora Dra. Deyse Almeida dos Reis.

### **Sobre as autoras**

#### **Thalyta de Cássia da Silva Feitosa Musskoff**

Doutoranda pela Universidade de Brasília (UnB). Mestra em Geografia pela Universidade Federal do Tocantins (UFT). Especialista em Docência com Ênfase na Educação Básica (IFMG). Graduada em Geografia pela Universidade Federal do Tocantins (UFT). Professora (temporária) do ensino básico da rede pública do Distrito Federal - SEEDF, Brasil. E-mail: thalyta.feitosa@hotmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-6874-5004>

#### **Deyse Almeida dos Reis**

Pesquisadora graduada em Gestão da Qualidade e Ciências Biológicas, mestra e doutora em Engenharia Ambiental pela Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP). Atualmente leciona em cursos técnicos e em programas de pós-graduação. Suas pesquisas são voltadas a temáticas da Ciência Cidadã e de educação ambiental. Email: deysereis.reis@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-6627-1247>

Recebido em: 29/10/2020

Aceito para publicação em: 07/12/2020